

# HOMENAGEM A AMAURY DE SOUZA

## *TRIBUTE TO AMAURY DE SOUZA*

POR CESAR GUIMARÃES<sup>1</sup>

### Resumo

Palavras do prof. Cesar Guimarães na Mesa em homenagem ao prof. Amaury de Souza realizada em 10 de setembro de 2012 na sede do IESP-UERJ, Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Homenagem; Amaury de Souza

### Abstract

Speech given by professor Cesar Guimarães at the event in honor of late professor Amaury de Souza at IESP-UERJ, Rio de Janeiro, on September 10, 2012.

**Keywords:** Tribute; Amaury de Souza

---

1 Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1963), mestre em Ciência Política pela University of California (1969) e Notório Saber – doutorado em Ciência Política pela Universidade Candido Mendes (2002). Atualmente é professor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ). E-mail: [cguimaraes@iesp.uerj.br](mailto:cguimaraes@iesp.uerj.br)

Amaury está na origem de nossa Casa e é sobre isto, um aspecto dessa pertença, que desejo falar.

Veio de Minas Gerais, como tantos outros de nossos fundadores e mestres, agregando-se a uma equipe que se preparava para inaugurar, em 1969, o Programa de Pós-Graduação em Ciência Política com forte apoio da Fundação Ford. A equipe se formara a partir do chamamento de Candido Mendes, nosso fundador, a Wanderley Guilherme dos Santos, que contribuiu para a convocação de colegas do Rio e de Minas Gerais, onde há pouco se iniciara programa similar.

São trabalhos preparatórios, que envolvem pesquisas, estudos de grupo, e, logo, bolsas no exterior para consolidação do programa. A instituição que já existia, se torna o IUPERJ propriamente dito, ainda sediado em pequeno, mas movimentado espaço na Praça XV. Já circulava a revista *DADOS*, que ganha novo impulso.

É neste contexto fundacional que falo de Amaury. São para todos nós anos de formação. Tratava-se há um tempo de formar-se (mestrado, doutorado) e formar as primeiras turmas da instituição. Bolivar Lamounier coordenará a primeira delas. E tudo isto em situação adversa em que a simples menção a Ciências Sociais provocava repulsa, quando não repressão por parte dos donos do poder. O Ato Institucional nº 5, data de dezembro de 1968.

Chegado ao Rio e até seguir para os Estados Unidos e iniciar seu doutoramento, Amaury não para. É de uma energia que se transmite a todas as esferas da existência. Na esfera profissional logo estará envolvido com inúmeros e simultâneos projetos, dentro em pouco na grande pesquisa sobre valores sociais e políticos de elites e massas, com uma equipe de colegas americanos, que se será concluída já adentrados os anos 1970.

Não participo como professor das primeiras turmas do novo IUPERJ. Até minha saída, em 1968, para estudar, é o Amaury pesquisador e colega com quem tenho contato. Retorno em 1972 – é minha primeira turma. Em pouco Amaury estará de volta e é quando o conheço como professor, o que ocorrerá então e em período posterior à sua segunda estada nos Estados Unidos.

É fato que já então e no decurso de sua brilhante carreira, ele se moverá nos mais diversos temas da Ciência Política e de suas interfaces com outras disciplinas. Mas o jovem professor dos anos de formação, em seu primeiro ensino está voltado para o caminho do saber ou método de pesquisa. Aquela energia toda será decisiva para consolidar as disciplinas de Metodologia – métodos e técnicas, quantitativas de especial, uma seriação que caracterizará nosso programa desde então e que se difundirá para outros programas. O nome da energia é o rigor – e isto eu quero marcar.

Certamente que a pesquisa empírica em Ciências Sociais já tinha tradição no Rio, em São Paulo e em Minas Gerais, neste último caso com notável grupo de jovens que fizeram sua primeira pós-graduação na FLACSO, em Santiago, alguns deles, como já dito juntaram-se a nós no Rio. Neste sentido, o lugar de Amaury é compartilhado, mas nunca com a obsessão com que ele o exerce.

Este não é um momento histórico simples, como se sabe. Se o contexto externo é de repressão e, pois, frequentemente de temor, ódio e ressentimentos, bem fundados todos a meu juízo, os estudantes que nos chegam dos cursos de Ciências Sociais frequentemente nos encaravam como a suspeição animada pelo que chamei marxismo de protesto, sinto-me muito à vontade para dizê-lo. Era menos uma adesão racional a uma teoria, isto também se dava, é claro, e mais uma reação emotiva a um mundo exterior adverso, e que se expressava numa instituição onde a palavra era livre. Muitos sabemos das dificuldades para protegê-la da repressão real que a todos afetava.

Quando chego dos Estados Unidos, descubro que sou aos olhos de muitos, um liberal, um funcionalista, e pecado dos pecados, um empirista. Que seja, cada um de nós reagiu à sua maneira a estas supostas deformações, mas o empirismo bordava ao intolerável.

Quero marcar de novo minha homenagem a Amaury. Ele não era homem de convicções mornas, o *non sense* o incomodava muito e, no princípio, suas aulas eram espaço de controvérsia e de conflito. Amaury podia ser algo agressivo e por vezes o foi, mas suas convicções fortes não se manifestavam especialmente dessa maneira, contrapartida da emoção do outro. Aquela energia, cujo nome é rigor, também se fazia sedutora. Cedo, textos menores de Marx, exemplares de pesquisa

empírica, foram mobilizados em aula. Divertiam-me muito este recurso. Hoje sei que o rigor e a sedução exercidos naquele momento tinham por nome dedicação extremada a uma convicção, ao ato de por tudo de seu no mínimo a fazer, para parafrasear Fernando Pessoa. Grande e inteiro.

Agradeço a Amaury por seu exemplo.